

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — EDITOR: José Toubert Chaves

Assinatura para Portugal, colonias e Hespanha
 Anno..... 1\$800
 Semestre..... 9\$400
 Trimestre..... 1\$200

Assinatura conjuncta do Seculo, do Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno..... 8\$000 | Trimestre..... 2\$000
 Semestre..... 4\$000 | Mez (em Lisboa)..... 700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — Rua Formosa



Summario

O JURAMENTO DE BANDEIRAS NO HIPPODROMO, NA MANHÃ DE 30 DE JANEIRO, COM 39 ILLUST. — MENTIRA SANTA, POESIA DA SR.ª D. CANDIDA ALVES — E MAGALHÃES, COM 2 ILLUST. — O VENENO ARMA INVISIVEL E MORTAL, COM 14 ILLUST. — TYPOS DE COIMBRA, PELO SR. MARIO MONTEIRO, COM 48 ILLUST., ETC., ETC.

A mais importante casa de automoveis em Portuga

A. BEAUVALET & C.^{TA}

R. representante de PEUGEOT a mais afamada marca de automoveis — Praça dos Restauradores, Lisboa

NOVO DIAMANTE AMERICANO

RUA DE SANTA JUSTA, 96 — JUNTO AO ELEVADOR

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 1\$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1\$000 réis. Todas estas joias são ou prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa.



Bicyclettes

A casa «Simplex», a que mais barato vende, acaba de receber de Inglaterra um completo equipamento de bicyclettes e accesorios que se vendem a preços sem competencia. Bicyclettes «Simplex», «H. S. A.» e «Lima». Revela-se nova renouada da nova marca de bicyclettes «Simplex» ultimamente adquirida por esta casa e que tão lisonjeiro acolhimento tem tido devido não só a sua elegancia e boa qualidade de fabrico e de todos os accesorios como bem esmaltada e de muito tracçado que se vendem a preços sem competencia. Grande sortimento de protectores, ingleses, buzinhas, lanternas, correntes, etc., etc. Já está em distribuição o novo catalogo de 1906-1907. De contos para reza: der. J. Castello Branco rua do Soccorro, 45, e rua de Santo Antão, 22 e 24. —Lisboa.

Union Maritime e Mannheim

Companhia de seguros postaes, marítimos de transportes de qualquer natureza

A Companhia La Union y El Fenix Español, R. da Prata, 59, l.º, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusivé o seguro denominado «Popular» para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa

Lima Mayer & C.^{as}

RUA DA PRATA 59 1.º

LISBOA

NESTLÉ

FARINHA LACTÉA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

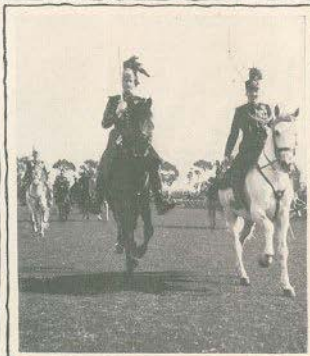
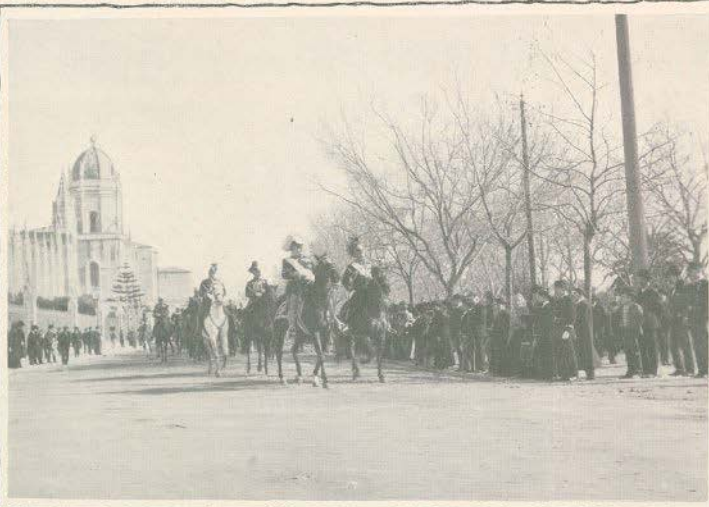
Preço 400 réis

O JURAMENTO DE BANDEIRAS

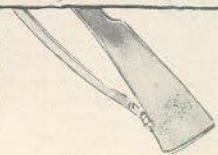
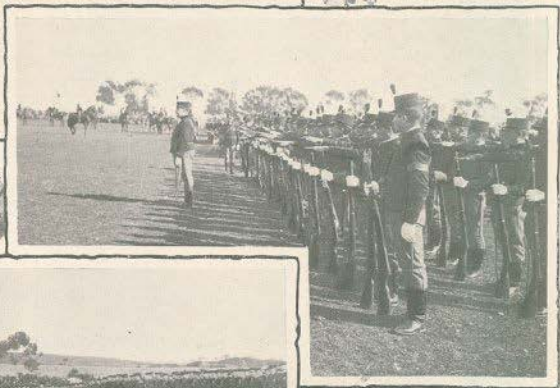
NO HIPPODROMO DE BELEM NA MANHÃ DE 20 DE JANEIRO



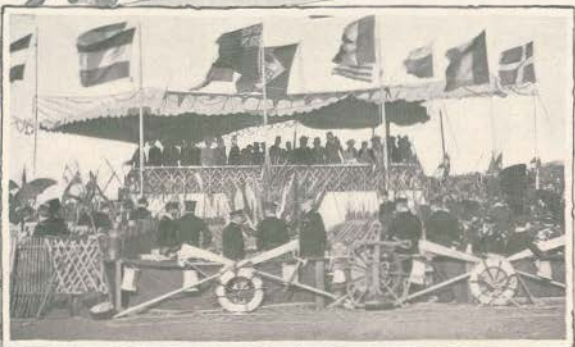
1—S.E., O MINISTRO DA GUERRA E O GENERAL DE DIVISÃO CRAVEIRO LOPES, ACOMPANHADOS DOS SEUS ESTADOS-MAIORES, PASSANDO REVISTA ÀS TROPAS; 2—SUA ALTEZA O PRÍNCIPE REAL EM FORMATUVA, COMO FORTE-ESTANDARTE DO REGIMENTO DE LANÇEIROS DA RAINHA



1 — EL-REI A CAMINHO DE BELEM, ACOMPANHADO DO SEU ESTADO-MAIOR, Á PASSAGEM PELOS JERONIMOS; 2 — EL-REI DURANTE A CERIMONIA RELIGIOSA; 3 — EL-REI ASSISTINDO AO JURAMENTO DE B'NDEIRAS; 4 — EL-REI PASSANDO REVISTA Á CAVALLARIA; 5 — OS AJUDANTES DE CAMPO



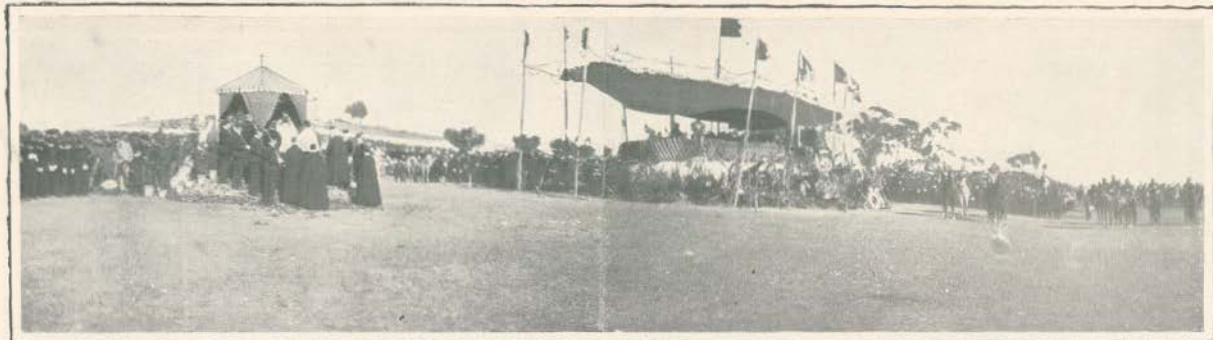
ALGUNS ASPECTOS DAS FORÇAS EM PARADA



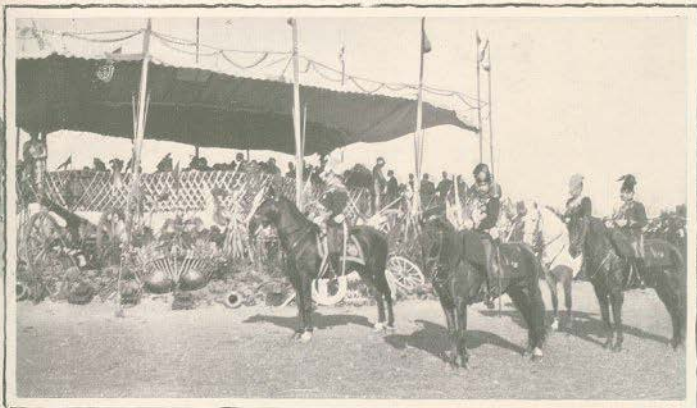
1—O ESTADO MAIOR DO GENERAL DA DIVISÃO AGUARDANDO EL-REI; 2 E 3—O POVO ASSIINHADO À CERIMONIA; 4—A TRIBUNA DOS C. SVIDADOS; 5—O PAVILHÃO DO CORPO DIPLOMATICO



— CHEGADA DE S. M. A RAINHA SENHORA D. AMÉLIA; 2 — CHEGADA DE S. M. A RAINHA SENHORA D. MARIA FIA; 3 — SUA MAJESTADE A RAINHA SENHORA D. MARIA FIA, ACOMPANHADA PELA SR.^{ma} MARQUEZA DE BELLAS E PELO SR. DUQUE DE LOULÉ; 4 — O PAVILHÃO REAL



1—ASPECTO GERAL TIRADO DURANTE A MISSA; 2—EL-REI E O SEU ESTADO-MAIOR ASSISTINDO À MISSA.



1—EL-REI E O SR. MINISTRO DA GUERRA DURANTE A CERIMONIA DA MISSA; 2, 3 E 4—ASPECTOS DA MISSA CAMPAL





MENTIRA SANTA

A muito já que vive abandonada
É longe do marido.
Entregue à sorte e assim desamparada
Ai! quanto tem soffrido!

Ficára-lhe uma filha estremeçada
Nos braços sem alento...
Era essa triste flôr na sua vida
Alegria e tormento.

Por ella (e sabe Deus se o coração
Com isso lhe sangrará)
Já tinha recorrido em afflicção
A quem a abandonára!...

Se na doença, ou se no mez da *renda*
O pão lhe não chegava,
Mandava a pequenita a uma «venda»
Onde seu pae jantava.

Dava-lhe elle de comer, e no bolsinho
Mettia-lhe um vintem,
Mas dizia-lhe adeus sem um carinho
E sem fallar na Mãe!...

Um dia, bem doente, e sem trabalho
A triste Mãe chorava,
Dizendo, ao vêr um caldo no bortalho
Que as sopas mal molhava :

— «Filha, o que temos hoje é quasi nada
«Mas que chega para ti»
— «Não chore, Mãe, não 'steja assim ralada
«A sopa é para si;

«Eu vou ter com o Pae... Mãe, não se importe!»
— «Pois sim, filhinha, vae!»
E foi — mas n'esse dia de má sorte
Já lá não 'stava o Pae!

Tambem sentiu vontade de chorar
Não porque não comia,
Mas por á pobre Mãe ter de contar
O que lhe succedia!

E murmurava: — «A sopa é pouca já
«P'ra a Mãe, doceite assim!»
«Demoro-me na rua... e poderá
«Comel-a só, sem mim».

Divagou longo tempo, cogitando:
— «Que hei de eu dizer á Mãe?»
E a turba indifferente ia passando
Sem lhe valer ninguem!

N'isto vê uma casca de laranja
E levanta-a do chão
Dizendo para si: — «Tuço se arranja!»
Era uma inspiração!

Na casca mãos e bocca ella esfregou
E alegre se mostrava,
Depois, foi para casa e mal que entrou
Anciosa perguntava:

— «Comeu a sopa, Mãe?» — «Par'ceu-me tanta
«Que a não pude engulir;»
«Poz-se-me um nó tão grande na garganta
«Quando te vi partir!»

«Disse-me o coração que ias chegar
«Sem nada ter comido...»
E eu a comer... sem nada te deixar
«Sem termos repartido!»

«E então, filha... jantaste? com certeza?»
— «Jantei, jantei tão bem!»
«D'esta vez até tive sobremesa:
«Comi laranjas, Mãe!»

— «E cheiras a laranja... É bem verdade
«Que Deus seja louvado
«Agora comerei com mais vontade...
«E tenho-te a meu lado!»

Vendo a Mãe a comer sem amargura
Teve, n'essa alegria,
A pobre creancinha sem ventura
O pão d'aquelle dia...





O VENENO, ARMA INVISIVEL E MORTAL

Na historia de todos os paizes, — e designadamente na nossa historia — um indefinivel e obscuro mysterio tem envolvido a morte de muitas figuras illustres. Em volta da defecção brusca de grandes príncipes — e quantos d'elles portuguezes! — que resvalaram, em plena vida e em plena força na tranquillidade augusta do tumulo, uma lenda tragica se foi tecendo, ampliando pouco a pouco, perdurando através os seculos, — lenda impalpavel, nevoenta, vaga como a sombra, feita de suspeitas ás vezes mais eloquentes do que a verdade, sem duvida mais tremendas do que a accusação. N'essas lendas, ha um elemento sinistro que intervem sempre, mysterioso como a alchimia d'onde deriva, quasi sobrenatural como as forças da natureza que o geraram: o veneno. De repente, um grande príncipe, um grande general, um grande rei, caem na pallidez immensa da morte, deixando o campo livre a um competidor, a um successor, a um inimigo. A suspeita surge, implacavel. Mas sobre quem poderá resvalar a accusação? Com que provas? O sangue não correu, o ferro não rasgou, o crime não deixou vestígios. A morte teve toda a apparencia vulgar d'uma morte natural. Entretanto, por não sei que instincto da multidão em farejar o crime, as suspeitas avolumam; ha um nome que se aponta e se pronuncia n'um murmurio confuso; ha uma accusação vaga que se formula, que surge da massa inconsciente das multidões, que toma vulto no seio fecundo do proprio mysterio, e que através os seculos, através as gerações,

nas paginas da lenda e nas paginas da historia, proclama com repugnancia e com ignominia um criminoso, e dá-lhe um nome terrivel: envenenador.

O veneno representou sempre na historia um importante papel politico: na copa d'ouro d'um festim, na purpura dissimulada d'um sumptuoso vinho, — é a arma subrepticia, o agente mysterioso posto ao serviço da ambição, da vingança, do odio, da sensualidade. O punhal, a lealissima espada, a bala fidalga que fere em pleno coração, — denunciam o auctor do crime; o veneno, pelo contrario, dissimula-o, esconde-o, deixa subsistir a duvida, e mesmo quando por sobre essa duvida surge uma accusação, — é sempre vaga, imprecisa, nevoenta, impalpavel. O veneno é o poder occulto, desconhecido, actuando na sombra, — quasi sempre na impunidade. Reside precisamente n'essa impunidade, na apparencia de morte natural que resulta como reliquia unica do crime, todo o valor d'essa arma terrivel que através gerações barbaras e soffregas de ambição e de poder, tem feito mais victimas do que a onda sangrenta e tumultuosa das batalhas.

Para fazer a historia dos venenos seria necessario remontar ao cyclo luminoso e branco da mythologia. Antes de entrarem na lucta obscura da vida, os venenos existiam na fabula. Circe e Medea foram as profissionais d'essa alchimia sombria. Entretanto, a Grecia teve sempre, bem nitido, o horror do veneno. Os regicidas era em pleno sol que feriam as suas victimas, entre o som das flautas e dos cymbalos, com o ferro sagrado, que



OS ÚLTIMOS MOMENTOS DE SOCRATES — (Quadro de David)

Condenado a suicidar-se, Socrates convoca os seus amigos e bebe serenamente, perante elles, a cicuta

vinga a patria e os deuses, escondido sob os ramos pacíficos de myrto. Se o povo, n'uma hora de loucura, fez morrer Socrates pelo veneno e consagrou a cicuta como arma jurídica,

— foi porque essa arma, sem provocar convulsões horribes nem mutilações hediondas, não alterava as linhas sagradas da forma humana. Mas a verdadeira patria dos venenos foi a Asia, — a grande Asia cruel e voluptuosa. Entre as immensas tapeçarias tecidas d'ouro e de gemmas, que amorteciam os passos e abafavam a voz, os solemnes imperadores do Oriente faziam do veneno alguma coisa mais do que uma arma politica: transformaram-no n'um espectáculo interessante, divertido, que os distrahia nos momentos de mau humor e lhes occupava o espirito obscuro de reis *fainéants*. Sen-

tiam-se invadir por um tédio mortal? Não importava; vinha um escravo, uma taça de ouro com uma beberagem; a um gesto do senhor executava-se a sentença, e o desgraçado rolava

pelo pavimento em contracções medonhas, rugindo, espumando, arrancando as entranhas. A historia de todos os imperios orientaes é uma longa serie de dramas pelo veneno. Phrysis, irmão de Xerxes, envenena a nora Státira, servindo-lhe um pedaço de ave, cortado com uma lamina envenenada apenas n'uma das faces, — de forma que o criminoso poude comer o resto da ave sem levantar suspeitas. Cleopatra, rainha da Syria, querendo empeçonhar seu filho Antiocho, é

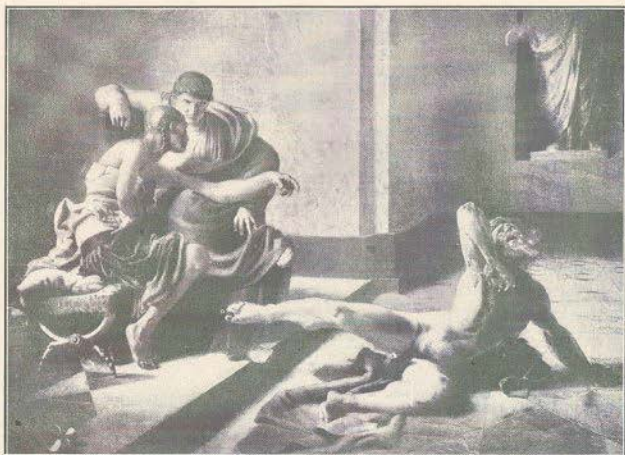


ALEXANDRE MAGNO E O SEU MEDICO

Para provar a confiança no seu medico, que lhe haviam denunciado como projectando envenenalo.

Alexandre bebe de um só trago a taça que elle, lhe offercia

victima do seu proprio crime, — porque tem de levar aos beijos a mesma copa d'ouro: é o assumpto da tragedia *Rodoguna*, — uma



O VENENO NA ANTIGUIDADE ROMANA — LOCUSTA EXPERIMENTANDO N'UM ESCRAVO, EM FRENTE DE NERO, O VENENO COM QUE ESTE DARÁ A MORTE A SEU IRMÃO BRITANNICUS — (Quadro de Silvestre)

das obras primas de Racine. Um rei do Ponto, Archélaus, divertia-se, durante os seus ocios, a envenenar escravos. O uso dos venenos estava tão radicado, fazia parte tão integrante da civilização oriental, que os paes ensinavam aos filhos ainda creanças as propriedades das plantas capazes de formar filtros assassinos...

de fôrma a inutilisar, pelo habito, todas as tentativas dos seus inimigos. Ainda hoje na sciencia se chama *mithridatismo* á capacidade de um organismo receber, sem consequencias, doses d'um determinado toxico que para outros organismos seriam mortaes.

E Roma? Foi necessario que o probó e leal



ES CRAVO ENVENENADO — (Esculptura de Loiseau-Rousseau)

É sabido que Mithridates, desde tenra idade, se foi costumando a doses progressivamente crescentes de veneno, —

mundo romano entrasse em contacto com o Oriente para que a praga do veneno o invadisse tambem.



A Ásia em breve tocou da sua voluptuosidade morbida a alma rígida, severa e sagrada da Republica. Em breve, como essas flores venenosas que, abertas n'uma haste fecunda, espalham em volta um cheiro a podridão conservando o brilho sumptuoso das suas pétalas,—a Roma imperial desabrochou. A partir do advento dos primeiros imperadores, o veneno tornou-se a principal arma politica. Para Nero, esse supremo degenerado que esconde um monstro dentro das pregas da sua toga preta, a peçonha é mesmo alguma coisa mais do que uma arma de ambição: é um instrumento de capricho. Vós outros, quem quer que sois, que não applaudis os seus ulti-

tannicus: foi sempre ella que passou á mão convulsa d'esse bobo soturno a taça doirada por onde se bebia a morte nos festins. E' assim que Tacito descreve a morte do moço irmão do rei: «Então, na agua fria que Britannicus pedira, lançou-se o veneno mortal: o toxico atacou todos os seus membros tão violentamente que lhe cortou ao mesmo tempo a palavra e a vida. Todos se precipitaram em volta do principe. Entretanto Nero, indifferente, sem se mover do seu trinchio, dizia com a maior naturalidade do mundo:—Foi um ataque de epilepsia.»

Depois de Roma, depois de Bysancio, veio a sombra da Edad Media primitiva. Como



O LABORATORIO DE UM ALCHEMISTA
(Quadro de Teniers)

mos versos, que não entraes em extase quando elle empunha a cythara d'ouro, que não admiraes a segurança com que elle conduz a rêda no hippodromo,—ai de vós! Ai de vós todos, que possuis riquezas que Nero ambiciona para si! Durante os quatorze barbaros annos que reinou este histrião coroado, quanta gente succumbiu ao veneno na fidalga e nobre Roma dos reis! Nero é o deus da morte: a sua inspiradora é Locusta. Esta mulher tragica, quasi uma sombra que se arrastava pelas salas do imperador e que a excreção publica tornou famosa, era o mysterio erudito da alchimia ao serviço do capricho d'um louco moral. Foi ella que forneceu a Nero o veneno que matou Bri-

hadia de florescer o veneno no meio do fervor chistão e da lealdade feudal? Os alchémistas trabalhavam nos seus coios húmidos, é certo: mas não eram toxicos mortaes que elles buscavam; era o segredo do ouro, o mysterio da pedra philosophal, a phantasia macabra e subtil do *homunculo*. Não pretendiam matar, exterminar, do fundo dos seus laboratorios infectos: o seu sonho era construir, edificar, enriquecer. Entretanto, os judeus e os arabes conservavam ainda a tradição classica do veneno,—e muitas vezes na historia primitiva de Leão, de Castella, de Aragão, de Portugal, o medico judeu e o medico arabe apparecem, com a sua murça amarella e a sua toga negra, estendendo nas mãos de



harpia a copa regicida... De repente, quasi sem transição, o vasto scenario do mundo muda inteiramente. A Renascença, com a sua sumptuosidade severa, o seu classicismo pagão, a sua arte divina, surge n'uma alleluia luminosa. No meio do fausto incomparavel dos costumes, do esplendor das artes e das letras, as paixões do homem exasperam-se. Sensual, eminentemente artista, o principe das côrtes d'Italia busca o supremo requinte e a

suprema arte até na forma de eliminar o seu semelhante. A aspereza da corda e a grosseira barbaridade do ferro repugnavam á sua esthetica delicada; á morte que destroe as bellas armaduras e enanguenta as bellas tapeçarias, preferia a morte subtil que se infiltra no sangue de um homem forte e o abate em attitudes tragicas, entre joias e pannos d'ouro, em pleno festim ou em plena orgia. E' a epoca dos banquetes envenenados, das flores traiçoeiras, das luvas impregnadas de venenos subitís e mortaes. E' a epoca em que aquelle que pretendia dar a morte se acercava do seu inimigo no meio d'um baile, e n'um aperto de mão lhe rasgava os dedos com a garra envenenada do seu anel de pedrarias. E' emfim, a epoca do veneno dos Borgias.

A recordação d'este nome produz em nós o estreamecimento d'um terror legen-

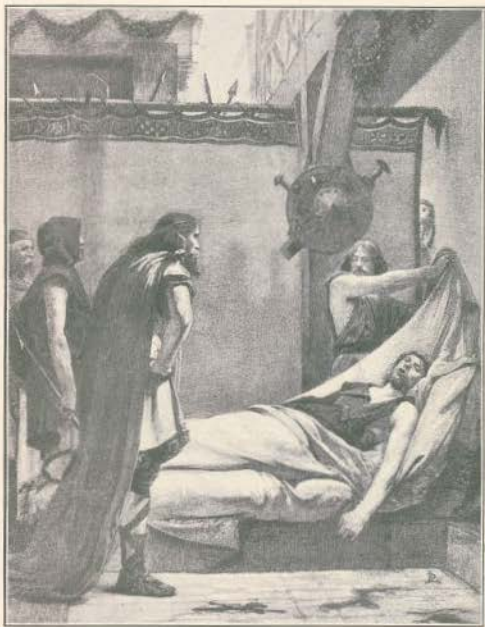
dario. E' provavel que a imaginação popular tenha ainda tornado mais espessa e mais profunda a sombra que pesa sobre esta grande familia italiana, aumentando o numero das suas victimas e o horror das suas mysteriosas execuções. O purpurado Alexandre VI, cuja historia sinistra enche volumes d'abominação, e entre cujas victimas se contam os cardeaes d'Orsini, Laforce, e João Borgia, é a figura dominante d'essa dynastia de profisões do

crime, creando, em delirios d'invenção, a mais preciosa e artistica forma de matar.

No fim do seculo XVI, o italianismo, introduzido em França pelos Medicis, irradiava por toda a Europa. A Hespanha marca a sangue, na sua historia, paginas lamentosas d'ambição dynastica. Nós proprios, feridos da mesma mania italiana do toxico, vemos cahir, um a um, na mudez impassivel do tumulo, um numero relativamente consideravel de reis e de príncipes portuguezes.

O primeiro, por ordem chronologica, é

o pobre rei D. Duarte,—um philosopho e um erudito, cuja bondade foi superior ainda, se é possível, á sua intelligencia. Em volta da morte d'este illustre principe, occorrida n'um momento de instabilidade politica, correram as mais singulares e desencontradas versões. Ruy de Pina diz que o rei morrera de uma apostema n'um braço, segundo uns, de peste se-



CHILPERICO I GIANTE DO CORPO DE SEU IRMÃO ASSASSINADO (575)

(Quadro de J. P. Laurens)

O veneno foi pouco empregado na Edade-Media, mas servia para tornar as lanças, as adagas e espadas mais mortíferas. Em guerra com seu irmão Segoberto, Chilperico I mandou-o assassinar por dois emissarios armados com puhalas envenenadas



gundo outros; Duarte Nunes de Leão suspeita que a sua morte brusca fosse devida a uma carta envenenada que lhe tinha sido entregue em Thomar por um judeu. Nunca se apurou ao certo o caso, — nem o momento era parz isso. D'ahi a pouco rebentavam as luctas da regencia, e o galante D. Pedro começava a sua politica absorbente e astuta que mais tarde havia de leva-lo á desgraça e á morte. E' na descendencia d'este pobre D. Pedro d'Alfarrobeira, sobre a qual parece ter pesado o destino do infortunio, que se conta o maior numero de príncipes portuguezes mortos pelo

veneno: D. Izabel, a infeliz rainha, mulher de D. Affonso V, é fóra de duvida que morreu envenenada em Evora pelos partidarios do infante D. Affonso; D. Pedro, outro filho do sybarita de Alfarrobeira, chegando a ser coroado em Barcelona rei de Aragão, morreu, segundo Zurita, «não sem indícios de lhe terem dado venenos»; D. Brites, mulher de Adolpho de Clèves, expirou em virtude da peçonha que lhe foi dada por um certo Jean Constain (Chastelain, *Chroniques*, cap. LXIX); por ultimo, D. João, rei de Chypre, *«fut empoisonné d'aucuns gouverneurs du royaume, lesquels, prenant deuil en sa manière de gouverner qui était vertueuse et utile au royaume, conspirèrent contre lui...»* Nem menos de quatro filhos mortos, um em cada canto do mundo, teve o infante D. Pedro, sem duvida um dos mais brilhantes príncipes de que se orgulham as genealogias reaes portuguezas!

Entretanto, uma das mortes pelo veneno que em Portugal levantou mais rumor e mais escandalo foi incontestavelmente a do rei D. João II, segundo todas as probabilidades envenenado com arsenico pela mulher, a rainha D. Leonor. E' sabido o motivo ambicioso que levou esta princeza a

semelhante crime, — se é que realmente o commetteu: presentindo que as intenções do rei, quanto á successão, favoreciam um filho bastardo d'este, quiz antepôr-lhe um irmão seu, o futuro rei D. Manuel, — e não hesitou, para o conseguir, em recorrer aos ultimos extremos. Pouco depois, D. João II morria em Alvor, inchado, coberto de nodos roxas, e — pormenor curioso! — ainda não estava na agonia, já por ordem da rainha e dos bispos vinha entrando no paço... o caixão em que o haviam de amortalhar! Entretanto, as duvidas subsistem. Teria havido crime? Haveria apenas doença? Impossível resolvê-lo. O que foi pena é que por occasião da abertura do athaude do grande rei, ha poucos annos, no mosteiro de Alcobaça, não se tivesse feito chimicamente a pesquisa do arsenico nos ossos do rei. Quem sabe as revelações que d'essa simples e rudimentar experiencia resultariam para a historia?

Felizmente, de ahí por deante, o veneno deu tréguas á realza portugueza. Nunca mais, até ao fim do seculo XVIII, houve suspeitas de que este ou aquelle príncipe portuguez succubisse victima de manejos criminosos. Ó proprio D. Affonso VI parece ter morrido de

morte natural. Já o mesmo se não pode afirmar quanto ao príncipe D. José, filho de D. Maria I, uma pobre creança intelligente que em pleno regimen freiratico e unctoso da *Viradeira* teve a imprudencia e o arrojio infantil de falar de mais. Parece não terem sido extranhas á morte d'este príncipe, segundo a opinião d'um illustre romancista contemporaneo, a acção do archbispo de Thessalonica e a influencia directa de Beckford, — galante e riquissimo espiao inglez na córte de Portugal. A velha historia grave e sisuda attribue a defecção de D. José a um simples ataque de



RETRATO DA VOISIN
Celebre feticheira e adiveinha do seculo XVIII



variola; a opinião coetanea attribuiu-a a veneno ministrado pelos clericaes. Qual das duas terá razão? Qual das duas consagrará amanhã a historia moderna?

Ja tão grande não é o mysterio que pesa sobre a morte de D. João VI. Quanto a este, os indicios são tão fortes que parece não haver duvidas sobre o caso. A peçonha parece ter-lhe sido propinada nas laranjas d'uma merenda de Belem. «Ninguém já punha em duvida a causa da morte do rei, — diz Oliveira Martins. Os boatos eram positivas certezas, de que o parecer dos medicos depois da autopsia concluiu pelo envenenamento. Os absolutistas cerradamente affirmavam que o cosinheiro Caetano fora convidado pelos constitucionaes, e por se recusar morrerá com o veneno destinado para o rei: com effeito o cosinheiro cahiu de repente. Por outro lado attribuiam-se confisões graves ao



UMA ENVENENADORA CELEBRE

A marquesa de Brinvilliers a caminho do supplicio, segundo um desenho de Lebrun

barão de Alvaizere que tambem morrerá logo; e o cirurgião Aguiar, sobre quem recahiam as accusações de ter propinado o veneno... morria tambem, assassinado segundo uns, suicida segundo outros, devorado pelos remorsos do crime praticado contra o seu bemfeitor. Fosse como fosse, todos os indicios parecem affirmar a existencia d'esse crime, — e todas as suspeitas recahem sobre uma unica pessoa, a causa de todos os infortunios da vida do pobre rei, o agente provavel tambem da sua morte violenta: a rainha D. Carlota Joaquina.

E D. Pedro V? E os infantes D. Fernando e D. João? E as accusações que pesam sobre a memoria do duque de Loulé? E a intervenção de certo medico canarim na morte d'esse erudito D. Duarte do Romantismo? Seria decerto muito interessante a historia mysteriosa da politica de 1860, — mas ainda é demasiado cedo para a fazer.



A VOISIN — (Estampa popular do seculo XVI.)



O PEDRO DO
PIFANO

TIPOS DE COIMBRA

A MISERIA DAS RUAS, GAROTOS E ALCUNHAS, O «PAIXÃO» ALFAIATE E O DIAMANTE, O «RIBEIRINHO», AS «ALLEGORIAS» E AS MANIFESTAÇÕES DA ACADEMIA, «A LOJA D'UMA PORTA SÓ», O BARBEIRO E OS SINOS DE S. BARTHOLOMEU, O «JINÓ» E O «D. SEBASTIÃO», O «ZÉ MACACO» E A POLITICA, O «COBRA LADRÃO», AS PRATAS DA SÉ, A ROUPA E AS CHAVES, «ROSALINO CANDIDO DE SAMPAIO E BRITO», OS SERMÕES DE «ANTONIO DAS ALMAS» E AS CANTIGAS DO «CÉGO DA ABRUNHEIRA», O «FRANCISQUINHO TANANA» E O «MUDO CALCETEIRO», «A IMPONENTE FIGURA DO MERSANDÓ», O «CHITÓ-Ó-CHITÓ», «A «FELICIANA PEREIRA» E O SENHOR DOM MIGUEL, «A «MARIA DO GATO NEGRO», «A CAÇADA AOS GATOS E OS ESTUDANTES, O «SENHORINHA», A MULHER E O CAVAQUINHO... «AS PARTIDAS DO «HORTA», O «FRANÇA ROLIÉ», «LENTE DAS TRETAS», «QUATORZE», CÔCOS, BANANAS E INTRUJICE, O «HOMEM DOS CRISTOS», «LAMBER PARA VENDER», OS VERSOS DE MAXIMILANO VEIGA, O «PEDRO DO PIFANO», A MUDANÇA DE NOMES E OS SEUS IMPROVISOS MÚSICAIS, O EPITAPHIO DO «MANUEL DAS BARBAS», «MARRAFA», SEBENTA, AMOR E DINHEIRO EMPRESTADO, O HERMINIO, A ACADEMIA E AS CASAS DE PRÉGO, O «GASPAR» ENGRAÇADOR E OS SEUS AMORES FRUSTRADOS, COMO O «SANTOS CÉGO» CONHECE OS CALOIROS E FALA DE MATHEMÁTICA, AS HABILIDADES DO «JOSÉ MARIA MUDOS», O «BENTINHO SAPATEIRO» VESTINDO Á INGLEZA... «O BAMBÁ», AS SUAS CONFISSÕES E DOM THOMAZ DE NORONHA, «BARNABÉ» IMMENSO EM TODA A PARTE, UMA PHRASE GRANDIOSA DO «LUZINHO DAS PONTAS», «HEI' AGUA» COMO TIPO DE TRANSIÇÃO ENTRE O MACACO E O HOMEM, O «ESTOFIDOS» E O S. PEDRO (BOAS PESSOAS), O RISO E O PRANTO DO «NORRIM», O «ALMIRANTE RATO» E OS PASSIÇOS Á LAPA

Analysar a miseria das ruas, observar com olhos de ver todo esse constante e crapuloso *bric-à-brac* onde se atrophiam e se perdem caracteres, mas onde, as mais

cheio de mil obstaculos, e sobretudo, fastidioso, mas, em Coimbra, chega a ser de-veras original e interessante.

E' que esta deliciosa terra, com a sua Universidade, lá no alto, a coroa-lhe os edificios, a dar-lhe uns certos ares de sabia... não sei por que estranho dom, podendo ser encarada sob muitos e variados aspectos, tantos quantos se queiram,—manancial eterno



O CÉGO DA ABRUNHEIRA E O SKU MOÇO
(Desenho de Eduardo Macedo)



O HORTA



O MUDO CALCETEIRO



de prosadores e poetas — apresentam uma vida das ruas caracteristica, typica, absolutamente sua.

Tudo isto porque os garotos de Coimbra — e não ha nada peor do que elles! — são eximios glorificadores dos grotescos que apparecem dia a dia e, sabendo procurar-lhes todos os pontos vulneraveis, são terriveis no ataque em que, por entre o desespero dos vencidos e o desenfrear das chufas e dichotes dos vencedores, não é raro apparecer uma alcunha que se péga, que se agarra por tal fórma que nunca mais sabe, creando, *ipso facto*, um novo typo apontado e escarnecido em toda a parte.

Alcinha que se ponha em Coimbra é muito peor que colla-tudo, é como alma que caiu no inferno. E péga que nem santo Antonio lhe vale!...

Ainda hoje certos commerciantes da cidade, ventruados e lustrosos, pintam para ahí as mantas do diabo se lhes fõrem perguntar á porta dos seus estabelecimentos:

- *Tem chá feito?*
- *Tem cordas para flauta?*
- *A boneca já fala?*

Por isso convem aqui dizer que, ao enumerar alguns dos typos mais curiosos de Coimbra, eu não pretendi ir procural-os apenas á miseria



O ROSALINO CANDIDO
(Desenho de Raphael Bordallo Pinheiro)

uma observação mais ou menos de morada e-minuciosa.

E é assim que, sem mais delongas, dando o braço ao amigo Paixão, peço licença para o apresentar.

O Paixão — é um alfaiate que mora na rua de S. João, quasi no centro da parte alta da cidade, essa especie de *quartier latin*, que é o bairro academico por excellencia. Pinta muito regularmente a pera, segundo se conta, e dá uma sorte levada da breca em se lhe dizendo: — *O' Paixão dá cá o diamante...* — alludindo não sei a que episodio dos seus tempos... de outro tempo.

Vicioso fumador de charuto, que traz sempre ao canto da bocca, n'essas horas de mau humor ha quem veja mordel-o raivosamente, cuspir repetidas vezes, como é seu costume, n'um grande ar comico irresistivel, e desandar depois n'uma catilinarina pavorosa capaz de assustar todos os anjos e santos da côrte do céu!...

Constou-me até, nem eu sei quando, que os estudantes de certa geração o puzeram fóra da *porta-ferrea* depois de encerradas as aulas, porque acto a que elle fõsse assistir era *chumbo* certo...

No entanto o amigo Paixão, com todos aquelles seus ares de caricato, não passa d'uma bella creatu-



O COBRA LADRÃO



A FELICIANO PEREIRA



O MER'ANDÓ

das ruas, mas fui busca-l-os tambem ás suas casas de negocio, arranca-l-os de traz do balcão para os trazer até aos humbrães da porta e mostra-l-os, á luz do dia, como objectos raros e dignos de

ra, d'um pobre diabo incapaz de fazer mal a uma mosca.

Mas caiu na asneira de dar sorte e fez lá isso fez!

De outro commerciante que já morreu,



o Ribeirinho, resaja a tradição que, tendo falido, se fingiu amalucado em harmonia com certos fins que tinha em vista...

Ora o Ribeirinho, lá pelos modos, tinha as suas aspirações a poeta e, como tal, deu-se ao luxo de publicar um livro intitulado *Allegorias*, as celebres *Allegorias* onde conseguiu, não sei por que artes diabólicas, armazenar quantos pontos de admiração havia n'este e no outro mundo até essa data. E a academia, sempre disposta a fazer das suas, sabendo isto e sabendo mais e melhor que o Ribeirinho era homem de muitos haveres, mas avarento como poucos, ia buscá-lo a casa em emgraçadíssimas marchas *aux flambeaux*, percorrendo as ruas da cidade com elle ao collo, fazendo-o recitar, de momento a momento, as melhores produções do seu livro que, diga-se a verdade, tanto valiam umas como outras.

Mas elle, saracoteando-se todo, em pose de passar á posteridade, n'um gesto estudado e ridiculamente impagavel, recitava, tornava a recitar, enfiado na sua capa sem mangas e nas suas calças de xadrez, entre a galhofa e o applauso das turbas que elle generosamente julgava contentar atirando-lhes sempre á quima-roupa, com um — obrigado rapazes... Passado algum tempo o Ribeirinho, que nos ultimos mezes se tizia um desgraçado, morria deixando em testamento uma fortuna razoavel em bellos contos de réis!...

Ai quem me dera ser um desgraçado assim!

Houve ainda outro, certo dia em Coimbra,

nunca lhe soube o nome, que mandou annunciar, em todos os jornaes da terra, que vendia bellos chouriços alemtejanos e quiz vêr, no alto do annuncio, em caracteres de

palmoe meio:

— A LOJA

D'UMA PORTA

só. Eis senão

quando, logo

ao outro dia

de manhã,

viu postar-se

lhe em frente

da porta um

grande, um

numerozo

grupo de es-

tudantes ex-

clamando

admirados:

— Olhem A

LOJA D'UMA

PORTA SÓ!

O homem,

não sei por-

que, preven-

do qualquer cousa de extraordinario, não ficou lá muito bem disposto com a scena e com aquelle ar ironico que via nos rapazes, mas sahio de traz do balcão, avançou até á porta e perguntou, forçando um sorriso:

— Que hão de querer?

— E' aqui a LOJA D'UMA

PORTA SÓ?...

— E' sim senhor, por-

que?

— Porque não tem senão

uma porta!

E logo outro:

— Porque tem unicamen-

te uma porta!

E outro:

— Porque tem uma porta

apenas!

E ainda outro:

— Porque tem simples-

mente uma porta!

E accentuando todos

ao mesmo tempo:

— Porque tem UMA PORTA SÓ!...

E o certo é que o ho-

me afinou com a brinca-

deira, foi aos ares, deu ao

diabo os estudantes e desa-

tou n'um berreiro infernal despejando quantos insultos conhecia. — Mariolas! Vadios!...

Como umas

cozas fazem lembrar as ou-

tras e as

palavras

são como

as cerejas,

segundo

exclamava



O JINÓ



O RABINO



O RIBEIRINHO

(Caricatura de Miguel da Costa)



uma creada velha que eu tive, agora me recordo que lá ouvi contar, não sei a quem, que houve outr'ora um barbeiro, atraz da egreja de S. Bartholomeu, que, todos os dias, barafustava endiabrado só porque os estudantes, muito ingenuamente, iam perguntar-lhe como é que os sinos da egreja proxima tocavam a fogo, a baptisado, ao Senhor fora e como davam as Trindades.

Mas, como estes, houve e ha tantos ainda por ali fora!

Quem não conheceu mendigando pelas ruas, ainda ha bem pouco tempo, *O Jinó*, essa figura esquelética de velho, de cabelo desgrenhado, de olhar mau, vivo e penetrante, que todo se exasperava quando o rapazio lhe gritava, pondo-se a dançar deante d'elle: *O Jinó larga a Maria viva*, talvez allusão a quaesquer amóricos passados, ou *O Jinó larga o velho*, não porque elle tivesse roubado qualquer velho, mas pela tendencia que o povo sempre teve e tem para rimar tudo o que significa ridiculo e tem de dizer repetidas vezes?...

E o *D. Sebastião*, um bello typo de velhote que andava pelas ruas vendendo reportorios novos, apregoando-os de tal forma que parecia dizer *Pitóno*, razão da sua segunda alcunha, que acreditava na vinda de el-rei D. Sebastião n'uma manhã de nevoeiro, e que ia a casa dos sapateiros pedir-lhes uma faca emprestada para se lhes sentar á porta a limpar e aparar as unhas dos pés n'um estendal immenso de miseria e porcaria?!

E o *Ze Macaco*, o *Jose Macaque*, da *Rattazzi no Portugal à vol d'oiseau*, o creado do antigo Hotel Mondego, cuja presença daria um immenso prazer a Darwin, esse im-

perdoavel falador que desandava a discutir com os hospedes, enquanto os servia, sobre assumptos de politica!

Hospede que lá caisse e que já tivesse sido ministro, o fôsse n'essa occasião, ou estivesse em vespasas de o ser, já podia contar com um vigoroso ataque de argumentos irrisorios e dispartados cujo fecho era sempre este: «os senhores afinal promettem... promettem... mas, em chegando lá, fazem todos o mesmo. Tão bons são uns como outros!...»



O ZÉ MACACO

E o *Coira*, que tinha uma cara de mau, verzejador de má morte, que diziam ter roubado as pratas da Sé e ia esconder-se atraz dos silvados, á beira do rio, pescando á linha a roupa, dentro em breve reduzida a metal sonante, que as lavadeiras, bellas moçoilas frescas e appetitosas, de saia arregaçada até ao joelho, ahí estendiam a enxugar?

Este costume de pescar roupa alheia e de andar, de noite, roubando as chaves que encontrava pelas portas para as ir vender a qualquer ferro-velho, mereceu-lhe o epitheto pouco glorioso de *ladrao*, que o tornava apopletico e o fazia correr á pedra a garotada que o perseguia.

E o *Rosalino Candido*? E o *Antonio das Almas*?

Do Rosalino Candido de Sampaio e Brito, nome mil vezes maior do que o dono, um velhote pequerrucho, de barba branca, não ha ninguém, quer-me parecer, que não conheça aquella scena com o Manso Preto, em geometria, no Lyceu.

Como não soubesse a lição, em certo dia, lembrou-se de pedir dispensa em verso... E se bem o pensou melhor o fez:

*Como incommodado estado tenho
Dispensa a V. S.* pedir venho*



A MARIA DO GATO NEGRO — O SENHORINHA — O ANTONIO DAS ALMAS — O CHIQUINHO — ANANA

(Retratos a oleo de Eduardo Arcedo)



O SANTOS CEGO



O FRANÇA ROLÉ



O BEB'AGUA



O QUATORZE



O HERMINIO



O GASPAR ENGRAXADOR



O NORRIM



O BAMBÁ



O BARNABÉ



*E por não a pedir por varias vezes
Peço-a por dois ou tres mezes.*

Responde-lhe o professor:

Por um anno se quiser!

E o Rosalino não perdeu a occasião de retorquir:

Isso mesmo é o que se requer!

O Rosalino era pobre, mesmo muito pobre, mas cheio de altivez, para não pedir cousa alguma, fez-se poeta e prosador de sete costados. A publicar folhetos não havia quem o vendesse... no numero! Eram ás dezenas, ás centenas, aos milhares!... Foi assim que *O diabo fechado na minha gaveta* e *A luz da razão* vieram á luz do dia, a par de tantos outros folhetos que elle proprio distribuía em troca de alguns vintens.

Pedir não pedia, mas, usando d'este processo, tudo vinha a dar no mesmo...

Falando do Rosalino vem muito a proposito contar um facto pouco divulgado mas cuja veracidade eu posso garantir. Uma vez, um estudante da Universidade teve a estranha lembrança de enviar as obras de Rosalino não sei a que escriptor sueco ou noruegues. Os folhetos partiram em, passado pouco tempo, esse mesmo estudante lia, n'um jornal estrangeiro, uma pomposa critica á obra monumental de Rosalino firmada



O D. SEBASTIÃO OU PITÓGNÓ

pelo tal escriptor que dizia e asseverava, entre muitas outras cousas, que o Rosalino era o primeiro prosador de Portugal!!! Escusado será dizer que o jornal, passando de mão em mão, foi lido pela academia em peso, entre enormes explosões de gargalhadas, emquanto o nosso poe-

ta, impando de orgulho, inchado, ia pensando de si para si: — que grande Rosalino não havia de ser Alexandre Herculano se mandassem o *Eurico* a este escriptor!...

E, arranjando uma casaca, não sei onde nem como, foi assim, todo bem posto, que se apresentou nas ruidosas e memoraveis festas que a Academia de Coimbra fez pelo tricentenario de Camões. Depois, usou-a, usou-a, como competia a um tão digno e illustre ornamento das letras patrias, até que a pôz no fio e teve de encobri-la lançando-lhe por cima a sua inseparavel e cochhedida capa! Foi um portento esse Rosalino!

O Antonio das Almas era um pandego incorrigivel, um emento patusco que sabia arranjar-se menos mal, fundado no grandioso principio de que não ha nada melhor para não morrer á fome e ter dinheiro do que ser amigo de estudantes e captar-lhes as sympathias. Além d'isso o Antonio não desperdiçou nunca o seu tempo, pois que a par d'essa amizade collocava a sua qualidade de pregador, sendo raro o dia em que deixava de pregar um sermão por dá cá aquella palha.

O Antonio jámas perdia as occasiões propicias, inclusive a festa das latas, esse banzê, sabbat infernal, que os estudantes fazem, arrastando latas velhas pelas ruas da cidade mal escurece o dia do encerramento das aulas, do começo das férias do ponto, para não deixarem dormir nem estudar os collegas das outras faculdades que por desgraça vejam as suas aulas encerradas mais tarde.

Prégando em toda a parte e a toda a hora, gostava no entanto muito mais de pregar no largo de Samsão, n'um pilar de pedra que ali havia e ainda se vê actualmente encaixado na parede d'uma



MANUEL DAS BARRAS
(Clichê de Silva e Sousa)



O CHITÔ-Ô-CHITÔ
(Clichê de Rodrigues da Silva)



casa que faz esquina com a rua do Corvo e rua da Louça. Chegado ahí, no meio do povoletu que lhe servia de sequito, subia ao seu pulpito, persignava-se e rompia sempre n'estes termos: *Eu sou o Antonio das Almas. As mulheres são como as cabras que andam pelos outeiros. De Cellas nem elles nem ellas.* E voltava ao principio...

Eu sou o Antonio das Almas... sendo capaz de estar meia hora assim, na mesma arenga, com tanto que lhe dessem um cigarro, umas calças, um collete servido, que era, em geral, a especie de moeda que preferia para pagamento dos seus sermões. Succedeu, porém, uma vez que, em certa festa das latas, o Antonio não quiz prégar, porque dizia faltar-lhe uma papeleta com o theina do sermão, mas isso era o menos. Elle apenas pretendia fazer-se rogado para lhe pagarem melhor. E foi o que succedeu... Um estudante seu amigo, desejando ouvir mais um sermão dos seus, mettu-lhe na mão uns dinheiros



O LUZINHO DAS PONTAS
(Cliché de Silva e Sousa)

em prata ao mesmo tempo que lhe dizia, entregando-lhe um papel em branco: «Ah! tens a papeleta»... O Antonio das Almas olhou para o dinheiro n'um grande sorriso de satisfação e exclamou agitando o papel—*Meus senhores cá está a papeleta...* e mirando o papel d'um lado e d'outro, pôz-se a scismar... *D'este lado, nada... do outro, também nada... ora do nada creon Deus o ceu e a terra...* E prégo sobre este assumpto o melhor sermão entre os muitos que fez em toda a sua vida.

O POETA MAXIMIANO VEIGA
(Cliché do sr. Joaquim Olavo)



Por outra vez, devido a um caso inexplicavel, o Antonio das Almas, que mora-

va para os lados de Mont'arroyo, não poude pagar ao senhorio o aluguer da casa que habitava com uma mulher chamada a *Caqueireira* e sendo posto na rua por tal motivo,

na rua foi levantar um simulacro de tenda de campanha. Iam, assim, as cousas muito bem... mas, certo dia, lembrou-se de viajar nas aguas de Cupido perante a revolta dos transcuentes que barafustavam e um agente da policia, então a cargo dos zeladores municipaes, deitou-lhe a mão e espetou com elle na cadeia. Pois o Antonio das Almas nada se ralou com isso, pelo contrario, pinchava de contente exclamando em altos gritos: *Ora graças a Deus! Aqui está-se debaixo de telha e tem a gente casa de graça!*...

A galeria popular coimbrã é vasta, e se n'ella ha vultos de somenos originalidade como lembrando, ao acaso, *O cego Abruhzeira*, Coimbra, que vinha, ás vcompanhia d'um moço, ga-

logar proximo de zes, á cidade em nhar a vida tocando e cantando alguns improvisos, verdadeiros disparates, a quem lhe desse alguma cousa, outros ha que merecem um pouco de attenção, como, por exemplo, o Francisquinho Tanana, a Feliciano Pereira, a Maria do Gato Negro e tantos outros que passarei a citar.

O celebre Francisquinho Tanana, um velhito magro como um junco, de pelle encarquilhada, morava junto ao cemiterio, lá no alto do Pio, e passava á tarde para o rio a buscar agua n'um pote de barro



O VENDEDOR DE CHRISTOS
(Cliché do sr. Joaquim Olavo)



que, á volta, trazia á cabeça com muito cuidado. A pobreza do seu vestuário era tão grande que chegava a ser immoral, pois tanto importava esse conjunto de andrajós como nada, o corpo andava quasi todo á mostra, e uma vez vi-o eu, n'esse estado, a gritar como



O BENTINHO SAPATEIRO
(Cliché do sr. Joaquim Olavo)

Quando se ouvissem uns gritos agudos, por vezes em fasete, acompanhados d'um choro ridiculamente convulso, era certo e sabido que andava por perto o *Francisquinho Tannua* e toda a gente assomava ás portas e ás janelas para vêr esse espectáculo miseravel da vida das ruas.

Facto quasi identico se dava com o *Mudo*, um calceteiro que a Camara Municipal tinha admittido ao seu serviço.

Esse não tinha nada com os garotos; só se importava com o pessoal que dirigia, mas, para lhe transmitir as suas ordens, para se fazer comprehender, desfazia-se em gestos desesperados e gritos tão agudos que se ouviam com certeza sete leguas em redor. Olhar a fronte cheia de rugas do *Francisquinho* é trazer á idéa toda uma serie de magnificas cabeças de estudo que se encontram n'esses mendigos vadios perdidos pelas ruas de Coimbra. E' vêr o *D. Sebastião*, de que já falei, o *Robino*, um bello typo de judeu, de rosto bem vincado, de linhas bem definidas, que vivia de expedientes e tinha o seu dito espirituoso lá de vez em quando, o *Mesando*, de cabel-

lo, que faz lembrar um pouco o *Chitô-ô-Chitô*, que divertia o publico executando palhaçadas nas ruas e que tinha tambem umas barbas esplendidas e um rosto expressivo.

los, que faz lembrar um pouco o *Chitô-ô-Chitô*, que divertia o publico executando palhaçadas nas ruas e que tinha tambem umas barbas esplendidas e um rosto expressivo.

A Feliciano Pereira, uma velhota revellha, com umas certas pretensões de asseio, tinha sido creada do grande liberal de Ceira Victorio Telles, cuja cabeça se viu, durante algum tempo, espetada n'um pinheiro, a uma esquina do largo de Samsão, devido ás luctas apaixonadas e renhidas do seu tempo. Talvez por esse motivo liberal ferrenha, não tinha o menor pejo em correr a pau a garotada das ruas que lhe sabia da pecha e, ainda ha bem pouco tempo, lhe atormentavam os ouvidos a toda a hora dando *vizas ao senhor D. Miguel*, o que para ella equivalia á mordedura venenosa e subita d'uma vibora.



O PAIXÃO — Invitado pelo dr. Bento Lima na visita do 3.º anno de 1898

Oberiam d'ella tudo quanto quizessem... mas nada de offender os seus ideaes politicos! Crêdo! Virgem Santissima! Lá isso não!...

A *Maria do Gato Negro* era uma outra velha que viveu em Coimbra e foi um dos typos mais interessantes da sua epoca. Já lá vae isto ha um bom par de annos! Vivia n'um casinhoto dentro da torre de Santa Cruz e, como n'uma noite lhe tivessem morto um lindo gato negro que muito estimava, foi tal a raiva que se apoderou d'ella que, jurando vingat-se, pellava-se toda por andar altas horas da noite percorrendo as viellas mais immundas á caça dos gatos. Bichinho que ella apanhasse a geito tanta paulada lhe assentava no lombo que nem a alma se lhe aproveitava!... Os estudantes de

então, conhecedores da mania d'essa pobre mulher, para se divertirem á sua custa, en-



O ALMIRANTE BATO

comendavam-lhe gatos mortos, que ella, de muito bom grado, lá

leira, um bom ração, o velho porteiro do palacio dos Gril-



ia distribuir pelas *republicas*, a troco d'uns miserios vintenos que mal lhe chegavam para não morrer à fome...

O *Senhorinho*, assim chamado pelos seus modos effeminados, era um zelador municipal que ia levar a sua cara metade com quem casára... *pa- amor*... a casa dos estudantes, sobraçando sempre o cavaquinho. O amor para elle não valia nada sem um bom acompanhamento...

O *Horta*, esse então, ás vezes pouco amigo da limpeza nos seus feitos e um pouco, para não dizer bastante, desbragado nos seus ditos, não deixava de ser um velho endiabrado cujas partidas tinham alguma coisa de original e de espirituoso. De lunetas encavalladas quasi na ponta do nariz, levado pela necessidade que, segundo ouço dizer, é a mãe de todos os vícios, bebia azeite por pregar a sua peça. Só se não pudesse! Mas para isso, para chegar a essa conclusão de não poder, era preciso que tivesse já esgotado todos os recursos da estrategia, e tal facto seria quasi inacreditavel! Uma vez, ao entrar n'uma padaria que havia n'esse tempo e parece-me que ainda existe no Arco d'Almedina, o *Horta*, olhando de relance para o forno, deparou com uma caçoila vidrada coberta com um papel, d'onde se exhalava um cheiro delicioso a certos temperos que lhe haviam de ser muito gratos no paladar... Desatou a correr para

casa á procura d'uma caçoila parecida. Encheu-a de pedras, pôz-lhe um papel por cima, tal qual como na outra que vira, e eil-o que volta á padaria a pedir com muito empenho para lh'a collocarem tambem no forno. Promettendo voltar a uma certa hora, algum tempo antes da hora em que sabia que o saboroso piteu seria retirado, foi dar o seu passeio para passar tempo, até que, voltando novamente ao forno, embarrilou o moço da padaria dizendo-lhe ser a outra caçoila a sua... E pernas para que te quero!... Lá foi elle até casa, n'uma correria louca, saborear um bello pastelão de carne que o acaso lhe offerecera. E o verdadeiro dono do azeite ao vir buscar a caçoila apenas a encontrou cheia de pedras...

Como esta, contam-se d'elle innumerables proezas que o fizeram tomar por doido, sendo, dentro em pouco, in-



O JOSÉ MARIA MEIRA

ternado no hospital Conde Ferreira, pois que ninguém o podia supportar.

Regressando, mais tarde, a Coimbra, pouco tempo demorou a reeditar as scenas d'outr'ora e é assim que elle apparece, n'uma tarde de inverno, em Santa Clara, ao fim da ponte, a metter n'um bolso das calças certa encomenda que encontrou á beira do caminho.

Elle que o fez é porque alguma coisa ruminava, é porque lá tinha as suas razões para o fazer... Terminada essa operação, limpando as mãos a uns arbustos que ali estavam perto, induziu um rapazito que passava a que fosse dizer ao guarda-barreira que elle, *Horta*, levava contrabando no bolso das calças. E o rapazito lá foi cumprir a sua missão enquanto sua excellencia, a passo largo, muito sereno, marchava olympicamente a caminho da cidade. Mal tinha tempo de pôr o pé fóra da

ponte quando o guarda se lhe poz na frente intimaudo-o com uma voz de trovão: Deixe vêr o que leva ahí.

—Não sei, diz o *Horta*, fingindo-se muito compromettido.

—Deixe vêr, já lhe disse.

—Não deixo.

—Ah, não deixa?!

E assim estiveram, n'este dize tu direi eu, até que o guarda resolveu leve-o á presença da auctoridade superior. Foi dito e feito.

Como a auctoridade não era para festas, com uns modos feaçanhudos, arrumou-lhe logo esta á queima roupa:

—Mostre já o que leva ahí.

—Não mostro, replicou o *Horta* com teimosia.

—Mostre, mando eu.

—Não mostro.

—Ai, não mostra? Eu já lhe vou dizer se mostra ou não!

E, dizendo isto, enfiou-lhe a mão pelo bolso das calças para tirar de lá o contrabando... Faça-se agora uma pequenina ideia da cara com que ficou a auctoridade e principalmente como ficaram os dedos!... O *Horta* era um vivo diabo!

O *França Robier-Cateche*, como elle se dizia, era um cocheiro que estava encarregado de conduzir as malas do correio á estação do caminho de



O RIBIRINHO

maquilitanas, como elle se dizia, era um cocheiro que estava encarregado de conduzir as malas do ferreo e por tal forma se desempenhou da sua missão que tenho



aqui á vista todos os attestados que por varias vezes lhe foram passados pelo director dos correios, enchendo-o de louvores. Mesmo no pino do verão, o França andava sempre vestido com quanto fado possuia, accrescentando á isso tudo, no inverno, um capote com certeza maior do que a arca de Noé. Tendo a seu cargo, todos os annos, o segurar o S. Jorge na procissão do *Corpus Christi*, fazia n'isso immensa gala e apresentava-se impavido aos olhos de toda a gente que via lá do alto da sua magnanimidade. Chegava a levar a sua auctoridade ao ponto de dizer ao commandante da força quando se deviam dar as descargas! Homem robusto, que n'uma voz grossa, mascando o seu charuto, mettia palho de meia noite, depois de ter desempenhado o glorioso papel de *lente da faculdade das Iretas* pelo *Centenario da Sebenta*, jámais largou a chapia que cuntho mandára fazer para ornamentar o bonnet. Dias depois da sua morte, lembro-me de ter visto o seu perfil n'O *Canterio*, que dizia pouco mais ou menos isto:

*Da Lusa-Athenas o mais popular,
É tambem, decerto, o mais intrujão;
Na bocca sempre um charuto a chupar,
Olhando todos com ar refilão.*

*Varios empregos tem, duvidosos,
O nosso heroe, este velho iraquinas;
E se nou hay — negocios rendosos
O... coça d'encontro ás esquinas.*

*É alto bastante, obeso e paucudo,
E só tem esse defeito massudo
De pregar mentiras, blagues e petas;*

*Que mais direi? é um pobre coitado,
E elle proprio se chama e é chamado,
O Rolie ou o França das Iretas.*

Acima de tudo, o França era um homem fiel, muito honrado e não foram poucas as carteiras e os valores

importantes que elle encontrou perdidos e fez chegar ás mãos dos seus donos. Ovi dizer que esta palavra *Rolie*, que adoptava como nome, teve a sua origem á porta do *Hotel dos caminhos de ferro* quando um francez, ao subir para a sua carruagem, poz nas mãos do corrector umas moedas de prata para o França, que lhe tinha tratado da bagagem, com o *roulier* (carroceiro). Apanhada esta palavra no ar, ciba na bocca dos garotos para designar o França e d'ahi a resolução que tomou em a adoptar como sobrenome...



UMA TRICANA DE COIMBRA
(Caricatura)

Disse eu ha pouco

que o França era um homem honrado, mas já não direi o mesmo do celebre intrujão que dava pelo nome de *Quatorze*. Muito alto, magro, ora apparecia de chapéu de abas largas, de grosso bengalho, ora de carapuça, de faixa preta á cinta, de calças justas e esguias, a fazer-se amigo intimo e conhecido velho de quantos bachareis formados presentia de visita a Coimbra, sempre importuno, á mira d'uns vintens, capaz de, por dez réis de mel coado, pres-

tar-se a qualquer patifaria. Outras vezes apresentava-se carregando um cesto de verga repleto de ananazes, cocos e bananas, que vendia lançando o pregão em voz forte e retumbante: *ananáz! ananáz! côco! côco! Ah, rica banana da ilha de Madéra!*...

O *Homem dos Christos* passeava todas as ruas e beccos da cidade sobraçando uma enorme quantidade de *Christos*, trabalhados em barro, muito toscos, mas que conseguia vender depois de os ter lambido todos, de alto a baixo, para provar que não largavam a tinta, que eram *fixes* como elle dizia. E quantas e quantas vezes nos atirava com o *Christo* quasi á cara e bradava n'um mixto de raiva e de troça: *quem m: compra este diabo?!*...

Maximiano Veiga, irmão do grande poeta operario *Adelino Veiga*, era um impagavel ratão que se dedicava a compôr guarda-soes e a trabalhar em metal amarello. Nunca lhe deu na bolsa para fazer versos, troçava até do irmão nas suas horas de bom humor, mas uma vez,



como o Adelino Veiga não dispuzesse de occasião para escrever uma poesia que lhe tinha sido pedida pelo Antonio Portugal, mais tarde o tenor Portugal, que fez parte da companhia do theatre da Trindade e foi morrer ao Pará, o Maximiano quiz supprir a falta e sahio-se todo ancho com esta versalhada que ainda hoje corre de bocca em bocca:

*Do rio Zezere o Barão
E' cuñado da liberdade;
Os soldados são phenomenos,
São filhos da santidade.*

*Von cantar de Mahomerio,
Qu'as trombas do rhinoceronte
Cantigas do Oriente
Nas barbas do despanterio,
Nas campos do cemiterio
Norbargue de Norbão
Terronicos do trocção
Familicos da humanidade
E' um machucho da maldade
Do rio Zezere o Barão.*

?!...

Agora mesmo acabo eu de ler que morreu o *Pedro do pifano*, suppondo-se que envenenado pela mulher com quem vivia. Era gallego e mudava de nome á medida que as gerações academicas lh'o trocavam. Para uns foi o *Manuel da Sanfona*, quando apanhou um par de bofetadas do lente dr. Pedro Penedo por se lhe pôr á porta cantando versos allusivos á sua pessoa, feitos expressamente pelos discipulos. Para outros foi o *homem do zeolejo*, por trazer um instrumento que ha annos deixou n'uma tasca de Dameiras empenhado por meio litro de vinho... Agora era o *Pedro do pifano*, por se fazer acompanhar d'esse instrumento que tocava por qualquer preço. Como tivesse um grande repertorio, o Pedro perflava-se e perguntava com uma certa pose:— O que quer Vossa Senhoria que os toque?! *O Hymno dos Caloiros...* diziam-lhe, por ser uma coisa que não existe... *O Hymno dos caloiros... dos caloiros...* começava elle entoando n'uma voz cantarolada que vinha a terminar com meia duzia de sons arrancados desalmadamente do pifano e prompto... eis como executava todas as musicas que lhe pediam... Era um pobre diabo este Manuel Fortunato Lopes, usado do seu verdadeiro nome

E julgo terminada assim a vasta galeria dos mortos.
— Se, entre elles, nos apparecem typos interessantes,

entre os vivos, que apontarei a largos traços, não os ha, decerto, menos curiosos e menos dignos de estudo...

E' vêr o velho lithographo de sebeatas, o conhecido *Manuel das Barbas*, que figurou no *Centenario da Sebeata*, e a quem com uma louvavel antecedencia fizeram já o epithapio:

*Aqui jaz Manuel das Barbas,
Trabalhou muito e beben...
Lithographava sebeatas,
Mas foi feli... nunca se leu...*

E a *Marrafa*, a Maria, essa bella quarentona, bem fornidinha de carnes, que tambem foi lembrada no alludido *Centenario*? Isso é que é uma mulher! Servente de estudantes, portadora de *sebeatas*, lá no intimo amiga dos que usam capa e batina, interessa-se por elles todos e já me constou, não sei se com fundamento, que não raras vezes lhes vale com dinheiro nos momentos criticos, nas suas afflicções. De grossos cordões de ouro ao pescoço, sempre sorridente, ha quem diga que para um estudante se formar é preciso ter algumas relações com ella. Eu e que não sei se isto é verdade, mas, pelo sim pelo não, como sou estudante... não vá o diabo tecê-las!... Mas se por acaso alguns academicos se envergonham de ir pedir-lhe qualquer quantia emprestada, pelo que ella nada leva de juros, apparece-lhes logo o *Hermínio* dos oculos, um rapaz franzino, magistral troca-tintas, que passa a vida inteira a transportar para as casas de penhor ou de *prégas*, usando do calão, tudo quanto os estudantes lhe entregam para empenhar... ou a trazer d'essas casas para a rua *grandes pechinchas*, como elle diz para intrujar os papalvos, e que afinal não passam de fazenda avariada, d'uns *mónos* sem extracção que os penhoristas lá teem para um canto e dos quaes se querem vêr livres seja por que preço fôr...

Quer na Boixa quer na Alta, de dia ou de noite, a cada passo se encontra uma creatura d'estas.

O agarotado Gaspar, engraxador, hoje em busca d'uma casa para servir, falador dos quintos, que se aperaltava ao domingo para embarrilar certa incauta donzella que o foi surprehender um dia, em plena calçada, a engraxar as botas d'um freguez...

O Santos *cego*, vendedor de cautellas, engeitado, que concluiu o curso dos Lyceus em 1868, segundo elle diz, á custa d'uma familia amiga e cegou n'esse mesmo anno. Conhece todas as moedas apalpando-as, bem

como os caloiros pelo panno da capa e fala de mathematica co-



UM TRABALHO ORIGINAL DE JOSÉ MARIA MUDO

mo se estivesse sentado n'uma cathedra...

O José Maria, mudo, moço de lithographia e typographia, intelligente, serviçal em extremo, que, ao sentir falta de dinheiro ou para dar as boas festas, é capaz de fazer o seu verso de pé quebrado illustrando-o por seu punho.

O *Bentinho sapateiro*, figura caricata e sobremaneira interessante, que se dá ao luxo de vestir á ingleza, indo todos os domingos a certa mercearia buscar um charuto de vintem, davida d'um seu amigo velho que andou a estudar em Coimbra e já se formou. O *Bamba*, bebedor emerito, devasso inexcedível, que uma vez arvorou em Rousseau e fez as suas confissões.

Conta-se d'elle um caso que não deixa de ter espirito. O *Bamba* queria baptizar um filho e queria que o Dom Thomaz de Noronha fosse seu compadre. Para isso foi esperal-o n'uma tarde aos Arcos do Jardim, expoz-lhe a sua pretenção e conseguiu vêr dentro em breve realisado o seu maior, o seu constante *desideralium*. Restava, porém, escolher o nome que se devia dar ao petiz e o Dom Thomaz perguntou-lhe qual era o nome de que elle mais gostava e queria para seu filho. Resposta do *Bamba*:—o compadre

dre uno e padrinho do rapaz?

—Son...

—Não se chama Dom Thomaz?

—Chamo...
—Pois meu filho deve chamar-se Dom Thomaz!...

E após uma sonora gargalhada do padrinho, o petiz ficou sendo, na verdade, o Dom Thomaz...

O *Barnabé*, que parece ter o dom da ubiquidade, esse pobre diabo que apparece em toda a parte quasi ao mesmo tempo. Ha um fogo? Lá vae o *Barnabé* avisar os bombeiros antes que os sinos deem signal. Ha uma desordem? Lá vae o *Barnabé* avisar a policia, porque esta só apparece quando é avisada.

Ha necessidade de qualquer recado? Eis que surge o *Barnabé*. Ha um baptisado, um enterro, um casamento quasi em segredo? Não importa. Mesmo assim lá apparece o *Barnabé*! Com certeza o *Barnabé* deve lá estar! E quando elle se perfila a uma esquina fazendo continencia, de chapéo na mão, ao passar alguém conhecido que interpeilla sempre d'esta forma: faz favor de me deitar a sua benção?... Então a minha mezada? — é certo que apanha dez réis.

O *Luizinho das pontas!*
Outro typo curioso...

Não precisava de pedir porque a familia tem alguma coisa e não quer que elle peça, mas de tal fórma se acostumou a andar pelas ruas, apanhando pontas de cigarro, que d'ahi lhe veiu o habito de pedir uns dez réis a este e áquelle com quem falla. De vez em quando apparece com papeletas para o publico subscrever com qualquer quantia para a ajuda d'um varino, d'um collete ou d'umas calças.

D'elle conhece eu varias partidas, mas a que vou contar.

UM ARCHEIRO... QUE ESTÁ DOIS FUCOS ACIMA DO ESTUDA-TR E UM ABAIXO DE LENTE (Desenho de Alvaro de Lenos)





francamente é muito superior a todas ellas. Assistia-se ao sarau que uma commissão de academicos realisou no theatro Circo n'essa epocha em que appareceu a ideia da recepção dos novatos com festas. Representava-se, n'esse momento, uma peça qualquer, feita por um dos vogaes da commissão, na qual se simulava

um tribunal. Ora o publico e as testemunhas que se nos apresentavam no palco eram a malta, a crapula das ruas, esses typos sebentos e grotescos, ao vivo, e o *Luizinho* que tambem lá estava, farto, como a plateia, de ouvir o pseudo-advogado a fallar, a fallar, levantar-se como um raio, perfila-se e exclama com uma cara das mais curiosas d'este mundo, n'aquella sua voz meio fanhosa e entrecortada: *Ar-re! que châtice medónha!* Eu não sei como o theatro não cabiu com a gargalhada forte, retumbante, que se ouviu então! E' que o *Luizinho* n'aquella sua phrase, vinda a proposito, tinha conseguido concretisar a opinião de toda a plateia!... E o mais engraçado foi que o *Beb'agna* quiz atirar-se á pancada ao *Luizinho!* Que quadro! Que scena!

O *Beb'agna*, que por signal bebe vinho e ás vezes o despeja pelas ruas é um distribuidor de prospectos,

um magnífico exemplar de transição, entre o homem e o macaco, sebento, mal alinhavado, todo elle a transpirar sabujice, que, por um defeito qualquer, falla sómente por monosyllabos. Ahi vae uma phrase para amostar quando vê um peiz a fumar: *ai tu já fô? Lá di tè pae!*... Ainda assim de todos os ty-

pos que conheço é precisamente o *Luizinho das pontas* o que dá menos sorte... E se entrarmos na Universidade, sagrada templo da sabedoria, onde em vez de nos formarmos apenas nos conseguimos deformar... lá vos mostrarei certo archeiro, boa pessoa, que dá sorte por lhe chamarem *Estópido* desde aquelle dia em que se dignou dizer que o archeiro estava *dois furos acima de estudaute e um abaixo de lente!* o que equivale a dizer, n'este meio repleto de prosapia scientifica, que estava milhões de leguas acima



O «D. SEBASTIÃO»

da terra e apenas um palmo abaixo do céu!... Outro archeiro conheço eu, boa pessoa tambem, (os archeiros são sempre boas pessoas...) que todo se abespinha quando lhe chamam *S. Pedro* alludindo ás barbas brancas que possui. Na verdade elle parece-se muito mais com um Cerbéro do que com o meu grande amigo *S. Pedro*, chaveiro lá de cima, pois que este

velho santo vive ás portas do céu, que dizem ser o Paraíso, e o outro, o archeiro, pespega-se á porta das aulas, que são um verdadeiro inferno!

E para encerrar a galeria que apresentei sob um aspecto de notas a lapis na carteira d'um curioso, resta fallar do *Norrin* e do *Almirante Rato*.

O *Norrin* é um curioso typo de velho, por demais conhecido em Coimbra, uma primorosa cabeça de estudo perdida no enxurro das ruas, quando toda a gente sabe que, sendo um sapateiro aliás bastante habilitado, jamais precisaria de pedir. No entanto acha um prazer infinito em dividir o seu tempo entre as tabernas, onde bebe demasiadamente, e as ruas ou cafés onde lamenta a sua sorte, apertando o chapéu de feltro contra o peito e rindo ou chorando ao gosto de quem lhe paga. Para elle o riso e o panto não traduzem a alegria e a tristeza, são apenas, simples e unicamente, a manifestação do interesse ao serviço de sua magestade o dinheiro...

O *Rato* é o celeberrimo *almirante do Centenario da Sebenta* e dos festejos do *Enterro do Grau*, o barqueiro que, em tardes amenas,

anda por perto da ponte de Santa Clara á espreita dos estudantes para lhes dizer n'uma voz meliflua de velhote amigo:— *Vá, sahores Doutores... um passicinho até á Lapa*. E tantas coisas lhes diz que lá os leva quasi sempre, de barco, até á *Lapa dos Estreos*, que é um dos pontos mais pittorescos de Coimbra, não fallando no *Choupal* ou na

velha *Fonte do Castanheiro*, onde se ouve ainda um certo rumor dos beijos que os namorados de outros tempos ali trocavam nas luminosas e tradicionais manhãs de S. João...

Eis assim delineada em poucos traços a serie fumibulesca de typos grotescamente raros que constituem só por si um dos aspectos mais originaes da lendaria Coimbra cheia de amores e de mysterio, eterna evocadora das notas maviosas d'aquelle fado triste cantado pelo Hylario, em noites de bohemia, sob as janellas

das tricaninhas.—Coimbra, janeiro, 1907.

MARIO MONTEIRO.

A valiosissima colleção de photographias, que consegue dar um merito real aos breves apontamentos que constituem o presente artigo, pertence ao distincto photographo José Gonçalves, que amavelmente a cedeu á *Illustração Portugueza*.

N. DA R.



O HYLARIO





O TORNEIO DE ESGHIMA NO GRANDE CLUB DE LISBOA

1—Os mestres d'armas Luigi Marlini e Sousa Magalhães—Dr. Satorio Palva, Julião Sena, Augusto A. Vasconcellos, Alvaro Leitão e José C. Vasconcellos; 2—O mestre d'armas italiano Luigi Marlini; 3—O mestre d'armas portuguez Sousa Magalhães

Sedativo BEIRAO
ANTI-DYSMENORRHEIC

É o mais adequado e soberano medicamento para todos os sofrimentos que acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrias). Cura ou alivia as cólicas uterinas e dos ovários, as dores reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigos, zumbidos, convulsões, ataques nervosos, hystericos e outros; e rubeas, vomitos, diarrhea, abate a elevação do ventre por accumulção de gases, a turbidão das veias das pernas e das hemorroidarias que muito complicam as menstruações irregulares. O **Sedativo Beirão** actua com especialidade sobre o utero, orgãos annexos e dependência da elles em regra menstrual, regularis as suas funcções e é muito effizaz na atonia dos ovarios e na debilitação ou fraqueza do utero. É indispensavel nas amenorrias accidenal ou suspensão súbita das regras por effeito de resfriamentos, emoções ou sustos. O **Sedativo Beirão** contém propriedades tônicas, adstringentes e antisepticas, muito effizaz para debellar o fluxo branco-ventro vaginal (leucorrhœa).

O **Sedativo Beirão** é de grande valor therapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antihysterico d'estas visceras que, quando invertido, é origem e sustentação de graves perturbações gastro-intestinaes, diminua a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio de circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia de sangue e de outras molestias que sobrevem pela cessação final dos mênstruos n'esta mudança da vida da mulher. O **Sedativo Beirão** não é contra indicação nas molestias uterinas e dos ovarios que dependem de esões d'aquelles orgãos ou de intervenção cirurgica.

DEPOSITOS AUCTORISADOS :
Km Portugal: Pharmacia Libera — Avenida da Liberdade, 167; Lisboa.

Pharmacia do Padrão — Rua Formosa, 10, Porto.

Inglaterra e colonias: Mr. J. Wyman.

Export Druggist, 58 e 59, Bushill Row London, E. C

O principio e seguimento das minhas regras menses foi sempre angustiado e perturbado de perturbações que constituam para mim um verdadeiro martyrio e muitas vezes perda os sentidos.

Foi n'uma d'estas crises que o meu medico assistente, o ex. sr. dr. Arraújo Pereira me prescreveu o Sedativo Beirão Anti-dysmenorrhœico, cujo effeito os climates se não fizeram esperar. Tenho repetido o uso d'este agradável remedio, uma semana em cada mez, e noto com verdadeira surpresa que as regras se repetem agora regularmente e sem dor.

Nem nos remedios caseros nem das farmacias ánnas consegui um alivio.

Porto, rua de S. Lazaro, 126, em 30 de novembro de 1900.—Euzilia Aurelia Fernandes.

(Segue o reconhecimento do thelletão Antonio Borges d'Avellar).

Instruções pour l'usage en portugais, en espagnol, en français, en anglais, en italien, en allemand, en hollandais, en russe et en hébraïque.

Prix du flacon: huit francs. Franco pour tous les pays de l'Union postale contre mandat de poste adressé à Marciano Beirão, Avenida da Liberdade, 167—Lisboa.



BREVEMENTE

Brevemente n'ò SECULO

Extraordinaria

collecção de

BICHOS

BREVEMENTE

BREVEMENTE

Assombroso acontecimento em que figura

BICHARIA

de toda a especie

e que dará

a todos coisas

valiosas e lindas

BREVEMENTE



Aguaes mineraes do Monte Banzão

PEÇAM EM TODA A PARTE



R. Arco Bandeira, 216, 2.º LISBOA

Aguaes mineraes do Monte Banzão

OS MELHORES CHARUTOS DA ACTUALIDADE

FUNCM OS CHARUTOS	
Republicanos	30 pds
Congressistas	30
Regeneradores	30
Marianos	50
Navarros	60
Aguilla	80
La Corona de Hespana	100



UNICO IMPORTADOR Alfredo Alves Martins

153, Rua da Palma, 155—LISBOA

CHRONOMETRO



O melhor relógio em ouro, prata e aço. O único que em dois anos cor seguiu impon-se a todas as outras marcas.

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez: e incomparavel em vacieitios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancia, physionomia e physionomia e pelas applicacoes praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrone e d'Arpenillagay.

Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Falia portuguez, francez, inglez, allemão, Italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobre-loja. Consultas a \$4000, 26500 e \$8000 reis.

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Tem em deposito grande variedade de papéis de escripta, de impressão e de embrulho.

Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórmis

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

Lisboa — 270, Rua da Princesa, 276
Porto — 48, Rua de Passos Manuel, 51

Endereços telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO PRADO—PORTO.—Lisboa: Numero telephonico 508

O licor vegetal

Produzindo sempre curas verdadeiramente maravilhosas!



O ex.^o sr. Leopoldo da Silva Freitas, morador na rua dos Ferreiros — Funchal — (Ilha da Madeira) authorisou-me a publicação da seguinte carta que d'elle recebi: «III.^o sr. proprietario da Pharmacia Brazileira—Largo de S. Domingos, n.º 13, Lisboa.

Felicita-o-me a mim proprio pelos magnificos resultados que obtive com o uso de 17 frascos do seu «Licor Vegetal» na cura das minhas enfermidades (ulceras nas pernas e escrophulas) que ha bastantes annos me faziam soffrer horrosamente; e n'estes ultimos tempos me impediam o andar, felicit-o tambem pelo seu valiosissimo medicamento que me restituiu a alegria e a saúde; testem Bulo-he assim a minha gratidão pelas inequivocas provas que durante o periodo do meu tratamento recebi com as suas elucidantes cartas. Pode, se assim o entender, publicar esta, que, verdadeiramente sincera, servira de estímulo aos infelizes que ainda não tiveram a dita de fazer uso do seu milagroso remedio».

Aqui fica mais outra vez bem patente o maravilhoso e seguro resultado do «Licor Vegetal» da Pharmacia Brazileira na cura das molestias actas indiciadas, bem como rheumatismos, ezema, herpes, inflammacoes dos olhos, tico e ovarios, mensirruas irregulares, morpheia, e muitas outras dimonadas do sangue impuro,—Os pedidos devem ser feitos assim: Proprietario da Pharmacia Brazileira, largo de S. Domingos, 13, Lisboa.—Cuidado com as imitações ou falsificações.

PREÇO:

1 frasco, 1\$000 reis;
7 frascos, 6\$000 reis.

Para a provincia e porte é gratis.

Agente em Paris:— Camille Lipman, 26, Rue Vignon